

**PENSAMENTOS DESENHADOS:
A ROTINA DAS CRIANÇAS NA PANDEMIA DE COVID-19**

**DRAWN THOUGHTS:
CHILDREN'S ROUTINE IN THE COVID-19 PANDEMIC**

**PENSAMIENTOS DIBUJADOS: LA RUTINA DE LOS NIÑOS EN LA
PANDEMIA DE LA COVID-19**

Maristela Aparecida Nunes¹
Aliandra Cristina Mesomo Lira²
Heloisa Toshie Irie Saito³

Resumo

Com a pandemia de COVID-19, desencadeada no início do ano de 2020, as pessoas tiveram seus modos de vida alterados e as mudanças também atingiram as rotinas da vida infantil. Considerando esse contexto de crise sanitária que impôs muitas restrições, este texto tem a finalidade de apresentar um recorte da pesquisa de doutoramento, cujo foco foi compreender, por meio dos desenhos das crianças, as tensões e os desafios da vivência infantil em tempos de isolamento social ao longo da pandemia. O estudo, de cunho qualitativo, foi realizado com crianças de uma instituição escolar do município de Guarapuava/PR e a base teórico-metodológica está alicerçada na Sociologia da Infância. O encaminhamento ético-metodológico para a produção de dados foi o desenho comentado, realizado pelas crianças, com análise reflexiva a partir dos teóricos contemporâneos da infância. Por meio da pesquisa foi possível ratificar os constantes paradoxos vividos pelas crianças como a existência confinada e as limitações de convivência. Destacamos, ainda, que as percepções e relatos infantis expressos nos desenhos são fontes reveladoras da cultura, bem como das vivências das crianças durante o momento da pandemia.

Palavras-chave: Crianças; Desenhos infantis; Pandemia de COVID-19.

Abstract

With the COVID-19 pandemic, which began at the beginning of 2020, people's lifestyles changed and the changes also affected children's routines. Considering this context of health crisis that imposed many restrictions, this text aims to present an excerpt from the doctoral research, whose focus was to understand, through children's drawings, the tensions and challenges of children's experiences in times of social isolation throughout the pandemic. The study, of a qualitative nature, was carried out with children from a school institution in the municipality of Guarapuava/PR and the theoretical-methodological basis is based on the Sociology of Childhood. The ethical-methodological approach for data production was the commented drawing, made by the children, with reflective analysis based on contemporary theorists of childhood. Through the research it was possible to ratify the constant paradoxes experienced by the children such as confined existence and the limitations of coexistence. We also highlight that children's perceptions and stories expressed in the drawings are revealing sources of culture, as well as children's experiences during the pandemic.

¹ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0918-3304>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1922255654666366>. E-mail: maristelinhanunes@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2945-464X>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1931135933077916>. E-mail: aliandralira@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá/UEM. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1061-5933>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2902881020655837>. E-mail: heloisairie@gmail.com

Keywords: Children; Children's drawings; COVID-19 pandemic.

Resumen

Con la pandemia de COVID-19, que comenzó a principios de 2020, los estilos de vida de las personas cambiaron y los cambios también afectaron las rutinas de los niños. Considerando este contexto de crisis sanitaria que impuso muchas restricciones, este texto pretende presentar un extracto de la investigación doctoral, cuyo foco fue comprender, a través de los dibujos infantiles, las tensiones y desafíos de las vivencias infantiles en tiempos de aislamiento social a lo largo de la pandemia. El estudio, de carácter cualitativo, se realizó con niños de una institución escolar del municipio de Guarapuava/PR y la base teórico-metodológica se basa en la Sociología de la Infancia. El enfoque ético-metodológico para la producción de datos consistió en el dibujo comentado, realizado por los niños, con un análisis reflexivo basado en la teoría contemporánea de la infancia. A través de la investigación, fue posible constatar las constantes paradojas que experimentan los niños, como la existencia confinada y las limitaciones de la convivencia. También destacamos que las percepciones e historias de los niños expresadas en los dibujos son fuentes reveladoras de la cultura, así como de las experiencias de los niños durante la pandemia.

Palabras clave: Niños; Dibujos infantiles; Pandemia de COVID-19.

Introdução

A disseminação da pandemia de COVID-19 no decorrer dos anos de 2020, 2021 e 2022 representou um período excepcional e desafiador na história humana. Os desdobramentos dessa crise ocasionaram profundas alterações nos modos de vida das pessoas que foram afastadas de suas rotinas, de suas famílias, do trabalho e de atividades culturais e de lazer (Santos, 2020). Nesse cenário marcado especialmente por incertezas, as crianças também tiveram suas vidas modificadas, passando a ficar confinadas em suas casas, como forma de seguir as orientações de distanciamento social determinadas pela Organização Mundial da Saúde (Santos, 2020) como uma das medidas de contenção da doença.

Considerando esse cenário, este texto tem como objetivo apresentar um recorte da pesquisa de doutorado, cujo foco foi compreender, por meio dos desenhos das crianças, as tensões e os desafios da vivência infantil em tempos de isolamento social ao longo da pandemia (Nunes, 2024). A investigação de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico e empírico, efetivou-se no segundo semestre do ano de 2021 quando o retorno às aulas havia sido autorizado.

Os sujeitos da pesquisa foram 15 crianças entre 9 e 12 anos de idade, estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental de uma instituição municipal de ensino na cidade de Guarapuava/PR. O *lôcus* da investigação foi selecionado por se tratar de um espaço no qual foi possível o acesso a um grande número de crianças e o critério para participação na pesquisa foi o consentimento da criança e de seu responsável, expresso mediante assinaturas no Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE)⁴. As crianças foram espontâneas e se mostraram receptivas com a proposta de participação na pesquisa. Desde o primeiro contato, ao mesmo tempo em que teciam comentários, lançavam perguntas e participaram ativamente das conversas, demonstrando interesse pelo tema que estava sendo tratado. Durante os encontros, as crianças⁵ foram convidadas a desenhar sobre diferentes situações vividas por elas no transcorrer do período de distanciamento social durante a pandemia de SARS-Cov-2, tais como a rotina em casa, as brincadeiras e o desenho espontâneo sobre a pandemia. Na sequência, individualmente, contaram o que haviam desenhado.

Desse modo, o encaminhamento ético-metodológico para produção de dados foi o desenho comentado realizado pelas crianças e a base teórica da discussão está alicerçada na Sociologia da Infância. A análise reflexiva das produções infantis foi realizada a partir dos teóricos contemporâneos da infância, tais como Sarmento (2004; 2011) e outros autores que refletem sobre o meio social como Foucault (2014) e Santos (2020). Optamos, com respaldo nos estudos de Kramer (2022), por manter o nome real das crianças como forma de ratificar o seu potencial e autoria dos desenhos, de suas falas e histórias vividas. Propomos uma leitura interpretativa dos desenhos na sua interface com o contexto social infantil e com sua cultura. Não obstante, para complementar nossas ponderações analíticas, nos valemos do quadro teórico a respeito do desenho infantil delineado por Sarmento (2011). Consideramos produtivo este exercício analítico proposto pelos autores acima mencionados, uma vez que amplia as possibilidades de escuta das crianças imersas num contexto caótico, ainda mais desestruturado por força do coronavírus.

A autenticidade desta pesquisa encontra-se no enfoque social dado às crianças, o qual almeja dar a conhecer suas experiências de vida neste momento sócio-histórico assinalado pela alteração dos modos de vida das pessoas que provocou uma gama de ressignificações da cotidianidade humana. Nesse texto, apresentamos uma parte dos resultados e discussões realizadas na pesquisa mais ampla referente às atividades que fizeram parte da rotina infantil durante o tempo de isolamento⁶ social vivido pelas crianças. Para tanto, o texto foi organizado em três momentos, nos quais no primeiro e segundo tópicos, apresentamos, respectivamente, a

⁴ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética, CAAE 54031421.1.0000.0106, Parecer 5.185.019.

⁵ Para efeitos desse artigo são empregados nomes fictícios às crianças.

⁶ Não pretendemos tecer um juízo de valor sobre o protocolo de segurança, mas refletir sobre o sujeito infantil frente a essa designação.

leitura dos desenhos infantis relacionadas ao confinamento social vivido pelas crianças e referentes ao fechamento da escola durante a pandemia e no terceiro ponto e tecemos algumas reflexões sobre o impacto da pandemia na vida das crianças. Assim, convidamos a decifrar o que os desenhos nos levam a ver.

O coronavírus e a casa: emparedamentos da infância

Se num passado, não muito distante, conhecíamos a criança pelos discursos da medicina, da igreja, da escola e dos órgãos legisladores, hoje, como nos orienta os Estudos Sociais da Infância, precisamos conhecê-la a partir da sua própria voz, ouvindo-a e dialogando com ela. Nessa empreitada, focalizamos os desenhos infantis como caminho para adentrar e compreender o universo da infância no momento pandêmico.

O desenho da figura 1, de Diana, expressa elementos referentes às atividades realizadas por ela no espaço de sua casa:

Figura 1: Diana, rotina na casa



Fonte: Gerado para fins dessa pesquisa, 2021.

Nesse espaço delimitado com linhas oblíquas que sugerem o formato de um triângulo, há duas janelas fechadas, uma televisão, vasos de flores e a mesa com os materiais escolares da criança, cuja expressão facial denota tristeza. O desenho imprime uma nostalgia, na qual as janelas, o *rack* com a televisão e o tapete se assemelham a um rosto humano triste, triste como

a criança. Tanto a expressão da criança, quanto os demais elementos que compõem a criação gráfica, lembram uma face humana confrangida e concorrem para a transposição do sentimento de melancolia.

Destarte, nessa cena é perceptível a existência de uma metáfora⁷ mediante a qual se percebe que o sentimento contido no ambiente reverbera na criança e vice-versa. Assim, é possível interpretar que a menina exprime a energia da casa (ambiente), a qual reflete o estado de ânimo da criança. Diana também fez uso da linguagem escrita (‘caderno’, ‘lápis’, ‘água’ e ‘mesa’) para complementar a significação de seu desenho.

Arrolamos, ainda, que se em seu desenho a menina transmite uma realidade caótica envolvendo o estudo em casa. Em sua fala, ela exprime a noção positiva que tem da escola:

Pesquisadora: O que você acha desse tempo que passou estudando em casa?

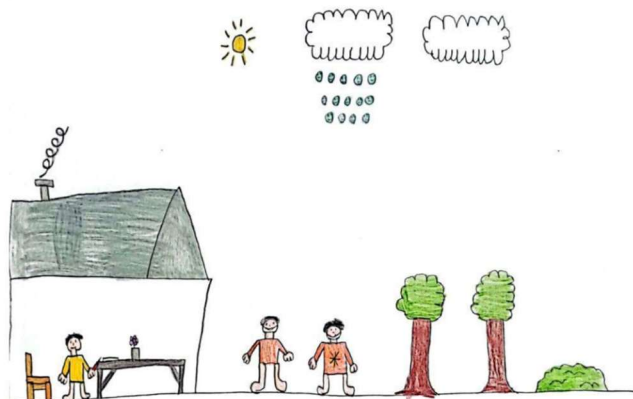
Diana: Eu acho que é mais legal na escola porque aqui a gente pode fazer tarefa e tem um tempo pra você comer, pra você correr e brincar, tem um tempo pra você ir embora. Sempre tem um tempinho pra cada coisa. Eu acho melhor aqui, que a professora pode fazer as coisas e corrigir tudo. E sempre quando eu chego eu gosto de mostrar pra minha mãe as coisas que eu faço aqui na escola. E ela gosta que esteja tudo certinho, né, que ela gosta que eu seja uma menina esperta. Agora, na fila da escola todo mundo fica se pegando, se agarrando essas coisas. Não é bom ficar fazendo isso. Vai que alguém pega Covid, eu não queria isso pros meus amigos e nem pros colegas, sabe? (Transcrição explicação dos desenhos, 2021).

A garota ainda expressa o receio de que seus amigos contraíssem a doença, bem como a preocupação com o comportamento de ‘risco’ de seus colegas na fila: “[...] todo mundo fica se pegando, se agarrando. Não é bom ficar fazendo isso”. Aqui, a criança sinaliza que, além de já ter assimilado as formas de contágio do vírus, exerce uma autovigilância – uma dinâmica que sob o ângulo interpretativo foucaultiano, poderíamos apontar como um cuidado de si - denotada no medo da proximidade entre as pessoas.

Na figura 2, a produção gráfica de Cícero faz referência a dois espaços importantes.

7 Figura de linguagem da parte da estilística na qual se produz sentidos figurados por meio de comparações implícitas (que não foram ditas, mas que são passíveis de serem entendidas). Alguns autores consideram a metáfora como questão de pensamento que extrapola a dimensão da linguagem e apontam as diferenças entre as metáforas visuais e as metáforas linguísticas (Parsons, 2011).

Figura 2: Cícero, rotina na casa.



o meu tempo de estudando em casa

Fonte: Gerado para fins dessa pesquisa, 2021.

As árvores, com ninho de passarinho em seu quintal, manifestam o gosto do menino em ‘ficar curtindo’ a natureza quando se entediava de assistir à televisão, como nos contou. Também desenhou sua casa com a mesa onde realizava as tarefas da escola. Observa-se o rosto triste de Cícero no interior da casa em contraste com a expressão facial de suas irmãs, as quais, do lado externo, como ele nos revelou posteriormente em sua fala, saíam para trabalhar.

A partir dessa representação podemos inferir o estabelecimento de uma antítese entre liberdade e confinamento. Mariano, Prado e Nogueira (2020, p. 07) salientam que as crianças tiveram que lidar “[...] com o enclausuramento e as limitações de seus espaços e movimentos corporais”. Com justificativas legítimas ligadas à preservação da vida, o confinamento indicou a limitação de encontros, de trocas, com impactos à vida infantil uma vez que as crianças se constroem nas relações com os outros e com o meio.

Observa-se que o menino utiliza a linguagem escrita como se fosse uma legenda para garantir que o sentido de seu desenho seja compreendido. Se, por um lado, esta forma de se expressar pode ser uma estratégia complementar de sentido da sua produção gráfica, por outro, pode revelar a noção que a criança tem de que só o seu desenho não é suficiente para comunicar.

Ou seja, é necessário empregar o código escrito, uma convenção do mundo adulto, para que ele se faça entender. A respeito de seu desenho, Cícero contou o seguinte:

Cícero: Eu ficava em casa com a minha mãe. Tenho minha irmã, ela tinha que trabalhar, essas duas aqui [apontando para as duas pessoas desenhadas do lado de fora da casa].

Pesquisadora: Como foi para você estudar em casa?

Cícero: Foi bom. Eu gostava. Minha mãe me ajuda com as tarefas.

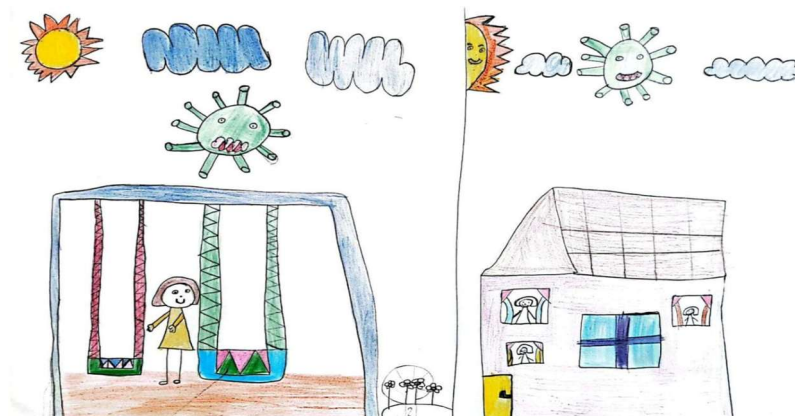
Pesquisadora: Conte o que mais você fez nesse tempo em que ficou em casa:

Cícero: Brincava de montar pecinha (Transcrição explicação dos desenhos, 2021).

Por sua fala, compreendemos que a companhia da mãe ofereceu apoio para as atividades da escola e presença no tempo de confinamento. O menino parece não demonstrar medo ou tristeza com a condição.

No desenho de Camila, na figura 3, vemos duas cenas distintas do cotidiano, o que revela sua inventividade e organização:

Figura 3: Camila, rotina na casa



Fonte: Gerado para fins dessa pesquisa, 2021.

No primeiro quadrante (da esquerda), a menina desenhou a si mesma brincando com balanço; ao lado, desenhou algumas flores remetendo aos elementos da natureza. No céu, há sol, nuvens e um coronavírus com rosto, cujo aspecto é triste. Ao desenhar o agente patológico com face humana, a criança procede a personificação do vírus, conferindo vida a um ser que, cientificamente falando, não é considerado um ser vivo (Kohan, 2020).

É possível avistar, inclusive, que o balanço foi representado na mesma proporção da casa expressando, assim como faz Cícero no desenho anterior, possíveis paradoxos entre liberdade e confinamento (Sobrinho; Calgaro; Rocha, 2020). Nota-se, ainda, que as mãos da

criança apontam em direção ao balanço, como que reforçando a presença e a importância desse item que representa os momentos de brincadeira. Destarte, essa postura da criança denota um jeito dela interagir, neste caso, com o leitor de seu desenho.

Ao lado, na outra cena, vemos uma casa com uma janela central fechada e três janelas abertas com pessoas nelas, detalhes que fazem menção ao confinamento. Aqui também aparece o sol, porém de modo parcial, indicando que seu lugar está sendo ocupado pelo agente infeccioso. Outrossim, a dimensão do coronavírus (do mesmo tamanho do sol) e a sua localização (no centro da parte superior da folha) remete à proporção global da pandemia. Sobre seu desenho, Camila nos contou que “Sempre brincava no pátio da minha casa que tinha um balanço, aí eu levava umas bonecas e uns ursos e fazia um piquenique. Quando fiquei só em casa, eu senti falta da escola porque aqui a gente aprende tudo e pode crescer sabendo tudo” (Transcrição explicação dos desenhos, 2021).

Em linhas gerais, podemos afirmar que os desenhos coletados e aqui expostos apresentam uma linguagem gráfica, um modo de comunicação, que nos permite escutar as crianças e considerar suas percepções, compreensões e até mesmo angústias durante um período difícil para toda a humanidade. É com este olhar que, na sequência, trazemos outros desenhos e considerações.

A letalidade de um vírus: o fechamento das escolas

Com a expressividade das cores utilizadas, Ricardo, em seu desenho de traços minimalistas, nos convoca a refletir sobre a ampla significação da pandemia em sua vida:

Figura 4: Ricardo, rotina na casa.



Fonte: Gerado para fins dessa pesquisa, 2021.

O menino representou a si mesmo sozinho em seu quarto. Em pé, ao lado da cama, manuseando seu caderno, aborda o momento de estudo e realização das atividades da escola. O travesseiro, os sapatos nos pés, a camiseta multicolor, o estilo moderno do cabelo. Esses ‘pormenores’ evidenciam o potencial observador da criança. Quando perguntado se gostaria de comentar seu desenho, Ricardo disse:

Eu penso que a pandemia um dia vai acabar e que não é um vírus que pode se brincar porque muita gente já morreu por causa dele, não só aqui em Guarapuava, mas em muitas cidades. Então [inaudível] não pode ficar brincando com ele. Agora já tá um pouquinho mais fraco aí eu posso sair. Aqui na escola uma coisa boa é que tem mais criança, mais recreio, mais amigos aqui (Transcrição explicação dos desenhos, 2021).

A fala de Ricardo complementa o seu desenho revelando o conhecimento dele sobre a dimensão que a moléstia atingiu. O garoto reforça a necessidade de cuidado ante a periculosidade da doença. Destacamos o comentário final da criança sobre a escola como local de encontro da criança com seus pares, assim como a referência às relações de amizade que denotam os processos de socialização infantil nessa instituição.

Pesquisadores da área da saúde compreendem que a “[...] escola vai além do ambiente que provém conhecimento formal; é um espaço para se relacionar, desenvolver habilidades socioemocionais [...]” (Fonseca, Sganzerla & Enéas, 2020, p. 35). De igual modo, Ferreira (2021, p. 289), em seu estudo a respeito da repercussão pandêmica na vida infantil em Portugal, identifica essa importância da escola para as crianças, ao afirmar que “[...] a escola representa o principal contexto de socialização, onde o estabelecimento de vínculos sociais com adultos e outras crianças, fora do ambiente familiar, são fundamentais para o desenvolvimento saudável”.

Com a imagem do desenho de Ricardo, podemos depreender que o que mais lhe interessava na escola era também o que lhe faltava na casa: a interação e a socialização com os colegas e as brincadeiras entre amigos.

A cena apresentada na figura 5 chama a atenção por sua riqueza em detalhes:

Figura 5: Yohana, Rotina na casa



Fonte: Gerado para fins dessa pesquisa, 2021.

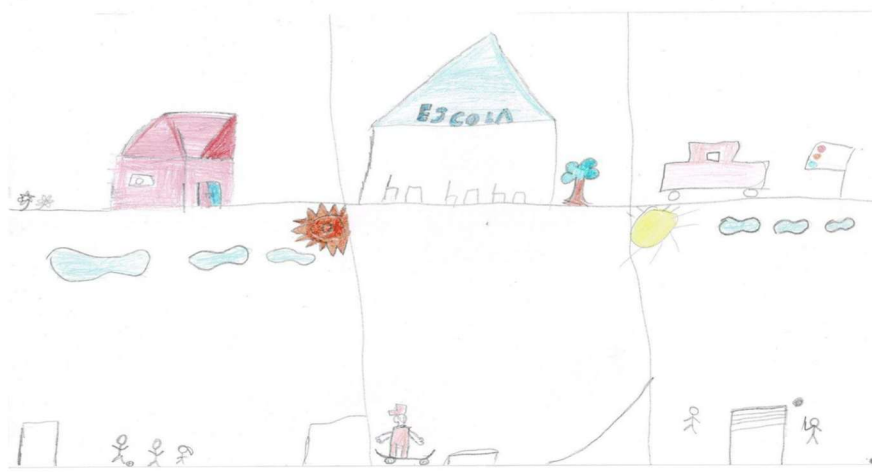
Cortinas na janela, cama com travesseiro, um banco junto à mesa, a cama e a mesa se assemelhando nos traços retos. Estes são alguns dos elementos que remetem às minúcias da vida cotidiana e que não passam despercebidos pela criança. No caderno sobre a mesa, há a presença de letras indicando vínculo com a linguagem escrita. Observa-se o uso da escrita endereçando o desenho ‘para você’, no caso, para a pesquisadora. Yohana representou a si mesma em seu quarto; em pé, em frente à sua cama, segurando um livro e um lápis. A menina salienta a dinâmica dos estudos em casa. Sobre a mesa, o caderno, a caneta e uma lâmpada indicam o lugar no qual ela realizava as tarefas. As marcas do desenho apagado, depois substituído por outro traçado, denotam as nuances do pensamento da criança indicando a ação cognitiva realizada por ela durante o ato de desenho (Staccioli, 2011). Isso nos faz perceber que aquilo que, muitas vezes, é considerado um erro, na verdade, manifesta o processo mental realizado por Yohana em retratar aquilo que pretende.

Yohana e Ricardo mencionam a escola como lugar de encontro com os amigos e de brincar. A menina comenta que a experiência de estudar em casa foi enfadonha, que, por vezes, contava com o auxílio dos pais, outras vezes não. Esse apontamento da criança ainda abre margem para pensar sobre a dinâmica de realização de tarefas escolares em casa nos termos em que foram propostas pelas instituições: realmente atingiu os objetivos esperados? Nascimento (2021, p. 294) discorre que “[...] não basta acesso à tecnologia, nem o conhecimento sobre a utilização de programas e aplicativos, mas propostas pedagógicas que deem conta das maneiras de ser e de pensar das crianças, notadamente as pequenas [...]”. Esse apontamento da autora nos

faz indagar em que sentido esse modelo de educação colabora com a construção do conhecimento, uma vez que a docência é um ato relacional.

A mesma perspicácia perceptiva de Yohana é expressa por Luana em sua produção. No desenho observado na figura 6, Luana expressa alguns dos momentos de seu dia a dia em casa, apresentando uma variedade de temas.

Figura 6: Luana, rotina na casa.



Fonte: Gerado para fins dessa pesquisa, 2021.

A menina usa sua criatividade dividindo a folha em seis quadrantes. Na parte superior, a casa com uma pessoa na janela do lado de dentro fazendo menção ao confinamento. Também a escola, com carteiras sem a presença de pessoas, faz referência ao período de fechamento dessas instituições. O carro indicando, conforme explanou durante a conversa, a saída dos pais para o trabalho.

Prosseguindo na leitura da produção gráfica de Larissa, percebemos que a menina, para representar a escola, desenha as carteiras e cadeiras em seu interior. E para reafirmar a sua intenção de significação, ainda faz uso palavra escrita 'escola', também empregada para diferenciar esse local de outros. Esse processo criativo denota a lógica de raciocínio desenvolvido por ela. Mediante a representação de uma pessoa na janela do lado de dentro da casa, Luana também evoca a condição de confinamento social em que se encontrava. Para as crianças, foi um momento turbulento, que precisou ser vivido sem que houvesse tempo para dialogar sobre o que estava acontecendo com o mundo e com elas.

Ainda na parte inferior do seu desenho, Luana simbolizou três momentos: à esquerda, ela jogando futebol com os irmãos, no meio, um irmão brincando de *skate* e à direita, ela jogando voleibol com o irmão. Embora a rotina sobreviva em um cotidiano marcado pelas incertezas da doença, o fato mais evidente são as diferentes brincadeiras - abordadas em três das seis partes composicionais de seu desenho exibindo o brincar livre protagonizado - com as quais preenchia seu dia.

Quando perguntada sobre o que gostaria de comentar sobre seu desenho, Luana respondeu:

Luana: Na escola a professora explica tudo bem certinho pra 'nóis' e na casa se a gente não fazer, a nossa mãe já briga.

Pesquisadora: Na maior parte do seu tempo em casa, o que você fazia?

Luana: Tarefa. Minha mãe vinha buscar, aí eu tinha que fazer. Depois da tarefa só brincava um pouquinho e aí eu dormia. Assistia um pouquinho no celular da minha mãe.

Pesquisadora: Do que você mais sentiu falta nesse tempo que ficou em casa?

Luana: Da escola... que era melhor de fazer tarefa.

(Transcrição explicação dos desenhos, 2021).

A fala da criança é fonte indicativa que 'a escola é o melhor lugar para se fazer as tarefas', pois provavelmente é onde encontra acolhida para suas dúvidas e confiança na figura da professora. Interessante observar que, nas imagens apresentadas nesta sessão, podemos ver que as crianças se representam estudando, fazendo tarefas, ou seja, há uma menção à instituição educativa e às ações a ela relacionadas, o que pode indicar, segundo Buss-Simão e Lessa (2020), Finco, Sousa e Anjos (2021), Cavalcante e Anjos (2022), que o local é muito presente na vida infantil e estava fazendo falta naqueles momentos.

Ecos da vida infantil no contexto pandêmico

Ouvir o que as crianças têm a nos dizer por meio de seus desenhos sobre essa circunstância social permeada por inquietações e incertezas que também as afetam oferece um lugar de fala a esses sujeitos que foram e ainda são silenciados e subjugados pela sociedade. Os desenhos realizados pelas crianças expressam a rotina infantil em casa, a dinâmica das atividades escolares, momentos de brincadeiras, como também manifestam o conhecimento delas sobre a pandemia, suas percepções e sentimentos sobre esse momento de crise sanitária.

A rotina, de acordo com Mello, Barbosa e Delle Rio (2023), estabelece-se no interior de um tempo e de um espaço e inclui as atividades desenvolvidas pelo sujeito. Seu desenrolar não

depende apenas de interesses pessoais, mas também é gerido por aspectos externos da vida, como foi o caso na pandemia. Ela envolve ações cotidianas com as pessoas e o ambiente com os quais nos relacionamos; refere-se ao modo como a vida nos diferentes espaços se organiza (rotina escolar, rotina familiar), envolve hábitos, momentos de alimentação, higiene pessoal, afazeres domésticos, atividades de lazer, trabalho, estudo, compromissos sociais, descanso e tempo livre.

Entre outros aspectos, “[...] os desenhos documentam o cotidiano da criança” (Gobbi, 2014, p. 154) e expressam a rotina infantil em casa. Dada a relação entre rotina e cotidiano, Mello, Barbosa e Del Rio (2023, p. 870) defendem que precisamos considerar as crianças “[...] como praticantes do cotidiano, que, por meio dos usos e das apropriações que fazem da cultura, demarcam as suas alteridades em relação aos adultos, revelando formas singulares de afirmarem as suas existências”. Todavia, em muitas situações, a rotina acaba por engessar as ações dos sujeitos, como no caso das instituições educativas, sobrepondo-se à ideia de cotidiano, que acolheria o inesperado.

Sarmiento (2011), em seus estudos a respeito do desenho infantil, afirma que as crianças elaboram interpretações dos acontecimentos do mundo e de sua vida cotidiana com singular competência. Em suas representações gráficas, as crianças empreendem o duplo exercício de expor o real e convocar a simbolização; nesse sentido, o desenho é tanto reprodutivo quanto criativo. O autor chama a atenção para a dimensão da simbolização que é igualada por ele a “[...] um trabalho de ficcionalização, que está presente tanto nas culturas da infância quanto na criação literária ou artística dos adultos. Os desenhos das crianças vivem deste mesmo acto de concepção poética do mundo” (Sarmiento, 2011, p. 17).

O coronavírus, um microrganismo invisível a olho nu, esteve presente em toda a parte e afetou a todos de modos diferentes (Santos, 2020). A onipresença do patógeno torna possível o estabelecimento de uma analogia entre o vírus e a questão do poder tratada por Foucault (2014). Esse autor demonstra que o ser humano está atravessado pelos valores criados e disseminados por uma sociedade marcada por formas de controle, agora não mais punitivas e autoritárias, mas sedutoras, aliciadoras e vigilantes. Esse poder, como pontua o filósofo, é exercido pela ameaça das armas, pelo efeito das palavras, pela disparidade econômica, pelos mecanismos de vigilância, pelos dispositivos materiais e imateriais, pelas estruturas jurídicas.

Foucault (2014) aponta que essas relações de poder foram gradativamente elaboradas e centradas sob os cuidados do Estado e das instituições. A partir de seu conceito de

governo, nos instrumentaliza a entender como se materializam os modos racionalizados de condução da vida das crianças que, no caso da pandemia, impuseram-se pelo enclausuramento. Aqui podemos ponderar sobre como as crianças são envolvidas nessas ações previamente organizadas pelos adultos, seja numa pandemia, antes ou depois dela. Ou seja, essa condução verticalizada da vida infantil, a qual já acontecia antes da pandemia, manteve-se. Nas rotinas das crianças, de modo geral, há a prevalência de relações de poder dos adultos sobre os sujeitos infantis (Foucault, 2014). O lugar da obediência é ocupado pela criança, embora também possa manifestar condutas, subvertendo o comportamento ou a ação esperada.

A pandemia ofereceu a oportunidade de refletir sobre as crianças e as interações estabelecidas delas com os adultos e o meio. Considerando, como aponta Kramer (2022), que a exploração do mundo, o contato com as pessoas e com os ambientes são subsídios essenciais para o pleno desenvolvimento infantil, podemos inferir que a limitação ou a proibição do acesso a esses elementos podem ocasionar prejuízos cognitivos, psíquicos, emocionais, físicos e motores. De acordo com a autora, a primeira infância, idade entre zero e seis anos, é o período mais propício para a aquisição de habilidades, por essa razão, o contato com a natureza, a vivência de desafios, a exploração dos ambientes são extremamente importantes. Essa restrição nos primeiros anos de vida também tem imenso impacto na questão da integração social da criança.

Corroborando com o apontamento tecido acima, Viana (2018) argumenta que no panorama contemporâneo, as crianças vivenciam uma infância controlada e institucionalizada. O autor tece uma crítica a esse confinamento apontando que, nunca como hoje, houve a permanência tão prolongada das crianças em espaços fechados (condomínios, casas de acolhimento, salas de aula, entidades que ofertam cursos de diversas áreas como dança, canto, língua estrangeira, esportes, etc.). A partir das reflexões desse autor, podemos perceber um histórico confinamento da infância, o qual, no bojo do contexto pandêmico, se justificou pela proteção à vida.

As reflexões propostas por Lira *et al.* (2021) nos ajudam a pensar sobre como a criança foi prisioneira nesse tempo de confinamento. Sem dúvidas, as crianças ficaram encarceradas, mas isso é uma ação que já vinha acontecendo antes mesmo do acontecimento da pandemia. Todavia, esse fato passava despercebido não sendo visto como uma problemática social; o vírus veio ressaltar essa ‘velha’ condição infantil de cerceamento. Porém, ainda assim, a sociedade não tem focalizado a vida infantil pelo viés social e geracional, uma vez que continua vendo e

tratando-a pela lente da negatividade (Sarmiento, 2011), isto é, considerando-a pelo aspecto da incapacidade e da menoridade. Nessa dinâmica as normativas de proteção continuam justificando e conduzindo as crianças à subalternidade. Nesses termos, cabe perguntar: quantas outras contradições presentes na vida das crianças puderam ser escancaradas pelo vírus?

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo compreender, por meio dos desenhos das crianças, as tensões e os desafios da vivência infantil em tempos de isolamento social ao longo da pandemia. As produções gráficas das crianças apresentadas aqui trouxeram situações corriqueiramente já vividas por elas, num ‘novo’ cotidiano envolto pela pandemia. As crianças desenhistas desta pesquisa expressam a realidade vivida pela grande maioria da infância em diversos aspectos. Pudemos perceber que a condição de excepcionalidade manteve uma infância já regulada, controlada, governada, ainda mais aprisionada, ou seja, as restrições estabelecidas para o combate da COVID-19 tiveram repercussões para a infância. Com o isolamento social, a rotina infantil foi reconfigurada: afastada do convívio com outras pessoas, a grande maioria das crianças ficou limitada ao espaço doméstico e circunscrita ao pátio de suas residências. Privadas de muitas de suas atividades, essas crianças também tiveram suas opções de lazer e interação social reduzidas.

O conjunto de produções das crianças juntamente com suas falas revelaram que durante o tempo em que ficaram confinadas em suas casas, elas sentiram falta dos amigos, mas também ficaram felizes por passar mais tempo em casa, cansaram-se de estudar por meio do computador ou celular, realizaram tarefas domésticas. Além disso, constatamos que o confinamento infantil durante a pandemia foi caracterizado pela limitação de movimentos e pela privação de brincadeiras ao ar livre, embora diversos autores indicassem que as crianças já viviam de modo confinado antes da eclosão da pandemia. Ademais, os desenhos comentados como instrumento de análise revelam práticas de vigilância que reverberam na constituição da vida, configurando-se em um exercício epistemológico, empírico e intelectual de seminal importância no caminho rumo à consolidação da população infantil como categoria social que se constitui nas relações sociais, não num futuro próximo, mas como sujeitos do tempo presente.

Embora os desenhos representem um momento triste da história humana, as cores empregadas pelas crianças imprimem uma sensação de esperança. Discorrer sobre esse tema demanda o entendimento das especificidades das infâncias, pois as crianças têm características

próprias: o emprego de variadas formas comunicacionais para além da linguagem verbal e escrita, convencionalmente considerada pelos adultos, a ludicidade expressa especialmente na brincadeira de faz de conta, as relações infantis com seus pares, dentre outras. Os modos das crianças se inserirem no mundo por meio de brincadeiras, dos gestos, pela fala, pelos jogos e no ambiente escolar expressam as culturas infantis e o lugar que a contemporaneidade tem reservado para as crianças.

Diante disso, defendemos que as crianças nos convocam a entender que outro mundo é possível, ou seja, um mundo com mais sensibilidade, escuta e participação infantil. Neste sentido, este estudo pode contribuir com a reconfiguração das relações estabelecidas com as crianças, ‘desenhando’ novos horizontes com valorização de sua participação. Esperamos que estas considerações nos encorajem e nos capacitem a desenharmos uma maior visibilidade da infância e dos fenômenos a ela associados, por meio da escuta sensível e da valorização das crianças enquanto atores sociais ativos e competentes.

Referências

- Buss-Simão, M. & Lessa, J. S. (2020). Um olhar para o(s) corpo(s) das crianças em tempos de pandemia. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, 22, p. 1420-1445. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1420>
- Carvalho, R. S., Santos, N. S. & Tebaldi, L. R. (2023). Ética na pesquisa com crianças: investimentos teóricos, reflexões e desafios em investigações na Educação Infantil. *Diálogo Educacional*, Curitiba, 23(76), p. 18-46. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.23.076.DS01>
- Cavalcante, Y. M. G. & Anjos, C. I. (2020). Infância e pandemia: um ensaio sobre os desafios vividos pelas crianças. *Anais do VI Congresso Nacional de Educação – CONEDU*, Alagoas, p. 1-10.
- Finco, D., Souza, E. L. & Anjos, C. I. (2021). Efeitos da pandemia e o aumento das desigualdades na vida das crianças: diálogos sobre violências e indiferenças. *Humanidades e Inovação*, Palmas, 8(61), p. 12-24. Recuperado de <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5734>
- Fonseca, R. P., Sganzerla, G. C. & Enéas, L. V. (2020). Fechamento das escolas na pandemia de COVID-19: impacto socioemocional, cognitivo e de aprendizagem. *Debates em psiquiatria*, São Paulo, 10(4), p. 28-37. <https://doi.org/10.25118/2763-9037.2020.v10.23>
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: o nascimento das prisões*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gobbi, M. A. (2009). Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: Faria, A. L. G., Demartini, Z. B. F. & Prado, P. (Orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados. p. 69-92.

- Gobbi, M. A. (2012). Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. *Educar em Revista*, Curitiba, 43, p. 135-147. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000100010>
- Gobbi, M. A. (2014). Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. *Linhas Críticas*, Brasília, 20(41), p. 147-165. <https://doi.org/10.26512/lc.v20i41.4265>
- Guizzo, B. S., Marcello, F. A. & Muller, F. (2020). A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, 46, p. 1-18. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046238077>
- Kohan, W. O. (2020). Tempos da escola em tempos de pandemia e necropolítica. *Práxis educativa*, Ponta Grossa, 15, p. 1-9. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16212.067>
- Kramer, S. (2022). Propostas pedagógicas ou curriculares de educação infantil: para retomar ao debate. *Pro-Posições*, 13(2), p. 65-82. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643954>
- Lira, A. C. M. et al. (2021). Infâncias confinadas: a educação como direito das crianças em tempos de pandemia. *Educação em Revista*, Marília, 22, Edição Especial, p. 59-76. <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2021.v22nesp.p59-76>
- Mariano, C. L. S, Prado, R. L. C. & Nogueira, R. (2020). Arte e infância: inspirações para novos possíveis em tempos de pandemia. *Revista NUPEART*, Florianópolis, 24(2), p. 06-12. <https://doi.org/10.5965/23580925242020006>
- Mello, A. S., Barbosa, R. F. M. & Del Rio, R. L. (2023). Crianças como praticantes do cotidiano: uma perspectiva metodológica para produção de conhecimentos com as infâncias. *Diálogo Educacional*, Curitiba, 23(77), p. 861-873. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.23.077.AO03>
- Nascimento, M. L. (2021). A infância ao longo da “quarentena”: participação e ausência como objeto de reflexão. In: Gobbi, M. A. & Tavares, M. T. G. (orgs.). *Pensar infâncias na cidade em tempos de pandemia*. Rio de Janeiro: Nau Editora, (E-book). p. 289-305.
- Nunes, M. A. (2024). *Pensamentos desenhados: ser criança em tempos de pandemia*. 2024. 172f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava.
- Parsons, M. (2011). A interpretação da arte através de metáforas. *Educação*, Porto Alegre, 34(3), p. 286-292. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/9276>
- Santos, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina.
- Sarmento, M. J. (2011). Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: Martins Filho, A. J. & Prado, P. D. (Orgs.). *Das Pesquisas com crianças à complexidade da infância*. Campinas, SP: Autores Associados. p. 27-60.
- Sobrinho, L. L. P., Calgaro, C. & Rocha, L. S. (2020). *COVID-19 e seus paradoxos*. Itajaí, Santa Catarina: Univali.
- Staccioli, G. (2011). As di-versões visíveis das imagens infantis. *Pro-Posições*, Campinas, 22(2) (65), p. 21-37. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pp/a/8HgGm9Ryp3Bd4DmtrZJSyhg/?format=pdf&lang=pt>

Viana, M. A. (2018). Infância contemporânea: institucionalização e cerceamento. *Pluralidades em saúde mental*, Curitiba, 7(2), p. 47-68, jul./dez. 2018. Recuperado de <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/203>

Recebido: 27/08/2025

Aceito: 22/10/2025

Publicado: 26/04/2026

NOTA:

As autoras foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.